



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VICIÇA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhaba-Lisboa* — Telefone 5339 0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Ordem pública!

E' o eterno programa dos governantes burgueses

Haverá alguém que desconheça o programa dos governos burgueses? Será possível que as crianças de tenra idade, balbuciantes, não saibam já traçar um programa governamental? Perguntem a qualquer moço de esquina, a quem a democracia negou a escola, ou qualquer doutor, a quem a sebesta embuteu, que programa adoptariam se fossem governo e eles dar-vos-iam uma resposta única, invariável: ordem pública.

Ordem pública, eis o programa de todos os governos: dos que tem caído e dos que hão de vir.

O governo Barros Queiroz, que ontem tomou posse, apesar de ter surgido duma desordem pública, não escapou à regra fatal. O governo Barros Queiroz também vai tratar da ordem pública.

Ordem pública é uma frase óca, retumbante como um bombo de Zé Pereira. Esmiúça-se, procura-se o que ela tem dentro e encontra-se sempre a incompetência, a vacuidade dos homens de estado.

Ordem pública é um biombo, é uma cortina que os governos colocam entre os seus actos mesquinhos e o povo. Por trás da ordem pública passam-se coisas do arco da velha — aquelas coisas que decorrem sempre atrás das cortinas.

Prendem-se os trabalhadores, espancam-se e deportam-se — para assegurar a ordem pública. Apreendem-se os jornais e metem-se os jornalistas na cadeia — para bem da ordem pública.

Ainda há ingenuos que à chegada de cada novo governo alinham uma esperança, em breves dias desfrita. Nós não alimentamos esperanças. Nós sabemos que a sociedade capitalista é engrenagem defeituosa que não produzirá abortos. Barros Queiroz ou Bernardino, confundem-se. Todos eles trazem como bagagem ministerial o problema da ordem pública.

Não sabemos, no entanto, o que de se fará exprimir, desta vez, o sr. Barros Queiroz, com o seu programa de ordem pública, a lencionaria de facto cuidar do problema a fundo? Quem perturbou a ordem? Certamente aqueles que, preparando um movimento revolucionário — revolução de opereta num país de opereta — permitiram que se, ex.º, tomassem as rédeas do governo. Esses não podem ser tomados como desordeiros, pelos actuais governantes e foram esses afinal os únicos que alteraram a ordem. Não será contra esses perturbadores da ordem — os únicos perturbadores da ordem — que o governo se insurgirá.

E' possível, porém, que de facto o sr. Barros Queiroz venha a apodiar de ordens aqueles que, porventura, tem de defender os seus direitos. En-bora não seja caso assente, corre com insistência que para a pasta do trabalho vai um antigo presidente da Associação Industrial, o sr. Abóim Inglês. Nós conhecemos o sr. Abóim Inglês. Sabemos que esse senhor, cujos interesses são contrários aos das classes trabalhadoras, há de fazer tudo o possível por esmagar os direitos destes. Um militante das classes capitalistas na pasta do trabalho é uma semente de conflitos futuros.

Nm momento como o que atravessamos manter-se um industrial no ministério do trabalho e o sr. Lello Portela no lugar de governador civil é provocar a desordem.

Arranjar Inglês terá muito prazer em arrastar ao proletariado as oito horas de trabalho e o sr. Lello Portela há-de continuar com as suas ameaças contra uma classe laboriosa, como é a das servais.

A acção destes dois indivíduos será de molde a provocar desordens.

Foi prevendo essas desordens — quizesmos a certeza — que os sr. Barros Queiroz adoptou, como os ministros passados e futuros, o programa da ordem pública.

Oxalá nos enganemos.

C. G. T.

Atendendo à importância dos assuntos a tratar, pedino hoje, pelas 20 horas precisas, o Comité Confederal, com a presença de todos os seus membros.

O caso da Amadora

Vítimas dum agente da P. S. E.

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. sr. Alfeu da Cruz, servindo de peritos os dres. srs. Asdrubal de Aguiar e Ferreira Marques, efectuou-se ontem a autopsia judicial de Manuel José Marques, soldado n.º 48, da 6.ª companhia, do 9.º batalhão da Guarda Nacional Republicana, aquartelado na Amadora, que há dias conforme largamente noticiámos foi morto, a tiro pelo ex-bandarilheiro Carlos Gonçalves, na Sociedade Recreativa da Amadora, sendo a causa da morte ferida por arma de fogo com perfuração do fígado e pulmão esquerdo. Foi ontem conduzido para o cemitério do Lumiar num armão puxado a duas parrilhas e este ladoado por soldado de cavalaria da Guarda Nacional Republicana.

O soldado n.º 47, António de Albuquerque, que foi ferido na mesma ocasião, continua em estado grave na enfermaria de Santo António, onde tem sido visitado por muitos colegas.

Trabalhadores: Lede e propaga a BATALHA

Notas e Comentários

A peça de Jaime Cortesão

Era de esperar o ataque. Não é de balde que se ergue a clava da justiça contra a hidra capitalista. Jaime Cortesão atreveu-se a soltar o seu brado de revolta contra o existente; ousou verberar com o seu látego de estrelas os ídolos dourados; teve a audácia de chamar ladrões aos autênticos ladrões e de visionar com o olhar limpo da sua consciência limpa um mundo novo que o poeta sente e o filósofo apresenta. Era de esperar.

E onde é que Jaime Cortesão é mais atacado? Pois onde havia de ser? No *Diário de Notícias*, o órgão da moagem, do Sérgio Príncipe e da Confederação Patronal. Eles não poupam os seus inimigos. Ontem era *Adão e Eva*. Depois é também Manuel Ribeiro, o fundibulário da *Bandeira Vermelha*, que uma *ganjal* qualquer daquela folha abocanha a propósito da nossa novela.

Que *Adão e Eva* não tem teatralidade e que é uma peça demasiadamente literária. Como se o sonho pudesse revelar-se em linguagem da rua dos Capelães e sendo a peça, como é, uma visão do futuro, ela não tivesse de alçar-se muito acima da banalidade corriqueira e modelar-se na forma vaga e imprecisa do ideal.

Não, a peça de Jaime Cortesão não é para teatros burgueses. Ela emerge como um clarão acima do pântano estagnado das realidades miseráveis. Mas afogada pelos ladrões dos molossos do dens-milho, ela fica nas nossas almas com o brilho eterno das coisas belas, superiores e perduráveis.

Adiamento

Devido a factores vários, entre os quais se conta a conferência inter-parlamentar de comércio e por ser conveniente aparentar às pessoas de fora uma linha de conduta especial, que não se usa quando a porta está fechada e ninguém vê... a peça transferida, para dia e hora que previamente se anunciará, a revolução política que estava anunciada para esta semana.

Crítica?

A crítica literária em Portugal encontra-se, em regra, na mão dos imbecis, dos incompetentes, dos que se

deixam arrastar por mesquinhos interesses de seita. Daí o eleva-se à corôa das nuvens o que não presta e caluniar-se o trabalho honesto. O crítico do *Diário de Notícias*, referindo-se à *Expição*, de Manuel Ribeiro, que na colecção *A Novela Vermelha* a secção editorial da *Batalha* publicou, diz o seguinte:

São uma dúzia de páginas apenas, em que impressões do cárcere se juntam ao sentimento de um amor infeliz e aos cláres de um incêndio vingador, que o braço de um operário atea.

O patrão, a filha, o proletário amoroso, uma greve, o cansado chá que ferve, em outras obras do mesmo intuito...

Este conto não fica ao nível da «cetera», *Peca por banalidade*. Se a prosa é corrente e fácil, a ideia é frouxa de colorido e imaginação, e o folheto nem sequer tem grandeza como panfleto agitador.

O crítico mostra: ou não ter lido a novela, ou, se a leu, não a compreendeu. Depois mete-se, como muitos, a fazer crítica, a elucidar o público!

O grande problema

No casarão de S. Bento, onde se põe e dispõe dos destinos do país, reinam-se hoje, os pais de várias pátrias. Altos trabalhos se realizarão, ou projectarão, na casa do parlamento português. Momento solene será aquele em que os ilustres parlamentares decidirão da sorte do mundo. Principiarão os conferentes por atacar um problema momentoso — um banquete. Não de comer muito, comer bem, comer admiravelmente. Depois tratarão dos importantes problemas da produção.

O beijo de Judas

O sr. António Maria da Silva, ex-ministro das finanças, deu ontem de manhã posse ao sr. Barros Queiroz.

António Maria da Silva fez um discurso patético. O que ele disse... Falei do tempo da monarquia, aquele célebre tempo em que andava por aí aos paus referir-se à pureza dos princípios republicanos e manifestou a sua satisfação (aquilo é que é coragem!) por ser substituído pelo sr. Barros de Queiroz. E tanta ternura, tanto amor mostrou para com o sr. Queiroz, que, o maroto, não resistindo à tentação das barbas do novo ministro, atirou-se a este, e mesmo ali, à frente de todos, deu-lhe um beijinho nas faces...

Os manipuladores de pão reclamam

o fabrico de pão com peso certo dispensando-se assim o uso das balanças aos vendedores ambulantes

Uma nota que ontem publicámos da Associação dos Manipuladores de Pão, causou-nos certa surpresa, porquanto nela se fala na abolição de balanças, tanto ao balcão como na venda ambulante, assim como a abolição das apreensões.

Como é natural, entendemos ser necessário esclarecer esses pontos, que vão ser tratados na assembleia geral de amanhã, pois julgamos que o consumidor seria lesado com tais resoluções.

Procurámos o presidente da Associação dos Manipuladores de Pão, que prontamente nos pôs ao facto das reclamações a discutir.

Trata-se de um equívoco que convém desfazer — diz-nos aquele camarada. A nota enviada para a imprensa não tem a redacção bem clara, pois não são esses os nossos intuítos. O camarada que a escreveu interpretou mal o desejo da classe. Nós não desejamos a abolição completa da balança nas vendas ao balcão e nas vendas ambulantes, queremos só que ela seja abolida a nestas, ficando a do balcão.

—Mas, por esse processo, será lesado o consumidor — avançámos nós.

—Para que esse caso se não dê, exigiremos dos industriais que o pão tenha o peso certo ou, quando muito, que a diferença não vá além das 20 gramas. Assim, evitar-se-á que os caixeiros e vendedores sejam acimados de ladrões, como constantemente sucede.

A imoralidade das apreensões

—E que pensam sobre as apreensões?

—Esse caso ainda se liga com o que acabou de expor. Quando o pão não tem o peso legal, quem sofre a apreensão é o vendedor. Ora isto é uma imoralidade que pretendemos que desapareça. Aqueles empregados não tem culpa da falta de peso, todos sabendo que os patrões são os únicos responsáveis, e, portanto, estes é que devem pagar as multas.

—Julgamos que essas reclamações serão atendidas?

—Espera o nosso sindicato que todos os caixeiros e vendedores saibam cumprir o seu dever, zelando pelos interesses do público de que fazem parte integrante, não aceitando o pão com peso inferior ao que está estabelecido. Contamos com a solidariedade daqueles camaradas, sendo certo que esta exigência vai provocar alguns despedimentos, conhecida como é a exploração dos patrões que se tem governado com a complacência dos seus empregados, a quem amedra, em caso contrário, com a despedida.

Os salários

Interrogámos depois o nosso entrevistado sobre os salários.

—Como deve saber — respondeu-nos — os salários são miseráveis e por isso não admira que algumas vezes vários

empregados prevaricarem. Por esse motivo e para acabar com tais factos, a que a necessidade obriga, enquanto os patrões se locupletam com chorudos lucros, reclamamos o cumprimento integral dos salários a que os industriais se obrigaram.

—E serão atendidos?

—Temos empregado todos os meios suastórios nesse sentido. Porém, o pessoal tem sido avisado de que não verá cumprida essa regalia, e nesse caso, se até ao fim do corrente mês não for recebido o ordenado estipulado, iremos para a greve. Não tem o nosso sindicato esse desejo, como tem provado com a sua forma conciliatória como vem tratando do assunto, mas parece que os industriais, não contentes com a exploração sobre os seus empregados e o público, ainda querem atirar com a classe para a greve, para o odioso calar sobre nós e o consumidor nos apêlido de feras.

—Em face disso, irão para novo movimento.

—Depende, como deve compreender, da atitude dos industriais. Depois as autoridades que digam estarmos sem razão, e que pretendemos provocar a desordem. Connosco estão as nossas condições das mais importantes localidades do país que no momento preciso nos prestarão a sua solidariedade. Faça o público o seu juízo sobre as nossas intenções.

Ficámos por aqui e julgamos que estarão esclarecidas as pretensões dos manipuladores de pão.

Na Ilha da Madeira

A Santa Casa do Funchal recusa um donativo de 400 contos para instalação de uma enfermaria

FUNCHAL, 23. — O banqueiro Vieira Castro ofereceu à Santa Casa da Misericórdia do Funchal quatrocentos contos para instalação de uma nova enfermaria de cancerosos, manifestando o desejo da enfermagem ser feita por irmãs hospitalares portuguesas. A comissão do hospital, cujo estado financeiro é gravíssimo, recusou sem importância donativo, por não querer acatar o desejo do doador. Tal resolução produziu um grande sentimento de revolta na população madeirense e em toda a imprensa. Realizou-se uma grande manifestação, na qual se incorporaram a academia, operários, comércio e populares, que entregaram ao banqueiro uma mensagem subscrita por mais de duas mil assinaturas, agradecendo a dádiva e protestando contra a comissão que repelia os recursos destinados à hospitalização dos pobres. O sr. Vieira de Castro recusou, dizendo colocar a sua bolsa a favor dos indigentes, tanto laicos como religiosos, sendo alvo de uma calorosa manifestação. O governador demitiu a comissão, aguardando-se a atitude dos novos administradores.

Conferência parlamentar Internacional do Comércio

A chegada dos congressistas — O programa de hoje

Chegou ontem de manhã ao Tejo o vapor *Lutetia*, a bordo do qual vinham os delegados à Conferência Inter-parlamentar de Comércio, em número de 55, e são franceses, ingleses, belgas, italianos, gregos, japoneses e tchecoslovacos.

Tomaram 12 automóveis, nos quais flutuavam as bandeiras das respectivas nacionalidades, indo hospedar-se em vários hotéis da capital.

Discursos, discursos, discursos e um banquete reparador

O programa de hoje é o seguinte: A 11 horas — Recepção das delegações estrangeiras pelo sr. Presidente da República, no palácio nacional de Belém, em que discursarão o chefe do Estado e o presidente da delegação da Bélgica.

A 14,30 horas — Sessão inaugural na sala da Câmara dos Deputados, com a assistência do sr. Presidente da República, governo e corpo diplomático — Eleição da mesa.

Nesta sessão pronunciarão discursos os srs.: presidente da delegação portuguesa; ministro do Comércio; presidente da delegação de França; presidente da delegação de Inglaterra; discurso do sr. D. Eloy Bullon, representante de Espanha.

A 21 horas — Banquete oferecido pelo Parlamento, no palácio do Congresso da República, sob a presidência do sr. presidente do Senado, no qual discursarão os srs. presidente do Senado, presidente da delegação de Itália e presidente da delegação do Japão.

INSTRUINDO

Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa

No cumprimento da sua missão altamente instrutiva, iniciou há poucos dias este organismo, com uma conferência subordinada ao tema *A acção da mocidade na evolução histórica da organização do trabalho*, a série que se propõe realizar a fim de desenvolver a mentalidade da mocidade proletária, para que esta na próxima transformação social saiba desempenhar, de uma forma cabal, o papel que lhe compete.

A conferência é aberta pelo camarada Ernesto Bonifácio, que em breves palavras fez a apresentação do conferente, dr. sr. Carneiro de Moura, iniciando este as suas palavras por citar várias das suas obras em que defende a escola socialista como a melhor organização social do trabalho. Em seguida faz considerações sobre o socialismo, dividindo este em quatro correntes, tal como a escola individualista burguesa, isto é, em reacçãoária, conservadora, liberal e radical, tendo a mocidade sempre, através de todos os tempos, formado nesta última corrente. E é assim que essa mocidade, levada por anseios de liberdade e pela natural expansão da sua idade, tem tomado a vanguarda em todos os movimentos reivindicadores de liberdade humana. Deserve o regime da escravidão em que o homem escravo era tido como animal doméstico, sofrendo numa submissão revoltante, além dum trabalho exaustivo, os mais cruéis tratos do senhor, enquanto este esbanjava impudicamente em Roma e Atenas o produto do trabalho criminosamente roubado ao escravo.

São os jovens escravos que, despoitados neles, ainda que muito tenuemente, a luz da consciência e pondo-se à frente dos seus desditos irmãos, põem termo ao regime deprimente da escravidão, negando-se a trabalhar as terras dos senhores.

Abordando o cristianismo, diz que Cristo, quando na Galileia com a sua propaganda aos escravos desfraldou o pendão da revolta contra o domínio dos senhores, era ainda um jovem.

E' devido à acção da mocidade que se vê a abolição da escravidão e a nascer a servidão onde o servo, quando estivesse adstrito ao trabalho da plebe, gozava no entanto de certos direitos que aos escravos eram negados. Diz ainda que a escravidão teve uma larga expansão na Europa devido à invasão dos germânicos que estabeleceram esse regime de trabalho, por os trabalhadores se negarem a trabalhar a terra na condição de escravos.

E' ainda a mocidade que, tornando-se em si mais forte a luz da consciência, vem, pouco a pouco, acabando com o servilismo de gleba, vibrando-lhe, por fim, o golpe mortal, a Revolução francesa, para a qual concorreu a mocidade dando-lhe aquele carácter profundamente liberal que tanto a caracterizou.

Por fim, diz que a mocidade, seguindo na sua missão histórica, há de influir poderosamente na nova organização do trabalho, não podendo ninguém sustentar esse movimento, porque o homem sente a necessidade de se ligar ao homem para triunfar na vida.

Estas últimas palavras são acolhidas por uma estrondosa salva de palmas, sendo o conferente, ao retirar-se, muito cumprimentado.

O que se passa nos Bairros Sociais

A comissão de melhoramentos do Sindicato Único da Construção Civil declara que não é verdade terem sido despedidos operários dos Bairros Sociais, porquanto os despedimentos foram apenas atingidos os indivíduos que eram empregados burocráticos e não profissionais de qualquer arte, isto segundo informações que esta comissão colheu da comissão do pessoal operário dos referidos bairros.

PELA ALEMANHA

AS PERSEGUIÇÕES CONTRA OS COMUNISTAS

Levi é expulso do partido comunista unificado

Após o fracasso dos recentes movimentos na Alemanha, estão os reacccionários governantes daquele país exercendo as maiores violências e as maiores perseguições sobre os elementos de mais destaque do partido comunista. Em Essen foi preso Werner, o director do *Ruhr Echo*, órgão do partido comunista no Reno, tendo sido suspensa a publicação desse jornal.

A *Bandeira Vermelha* também recebeu a mesma ordem, tendo-lhe a policia apreendido o material de imprensa, mas apesar disso, continua a imprimir-se clandestinamente.

Segundo estatísticas publicadas neste jornal, só os tribunais de Berlim já distribuíram por 123 acusados a soma total de 468 anos de trabalhos forçados. Além disto quatro presos foram condenados a trabalhos forçados por toda a vida e dois à pena de morte.

O dr. Paulo Levi, um dos camaradas mais considerados por Rosa Luxemburgo, a fundadora do partido comunista alemão, acaba de ser expulso desse partido em virtude dum opúsculo recentemente publicado a propósito do último movimento revolucionário na Alemanha.

Nesse trabalho condena Levi todos os dirigentes do partido comunista unificado como os únicos responsáveis pelos milhares de mortos, e prisioneiros que consi-gueu arrastar o último levantamento, e avisa o proletariado alemão para que se não torne a meter em semelhantes aventuras, inspiradas por Moscúvia. Diz ele que os *leaders* comunistas abusaram da sua autoridade, fazendo uma revolução contra a vontade da classe trabalhadora, o que pode ser verdade, mas é bom recordar que Rosa Luxemburgo e Carlos Liebknecht, apesar de afirmarem que qualquer revolta comunista imediata teria como única consequência uma derrota desastrosa, quando rebentou em Berlim o movimento de Janeiro de 1919, em vez de o criticarem, puzeram-se ao lado de todos os revoltosos, e com eles morreram corajosamente.

Se na realidade os chefes comunistas se limitaram simplesmente a impelir para a luta os elementos mais dedicados e decididos do seu partido, deixando-se ficar todos em lugar seguro, sem nela tomarem parte, sem dúvida que mereciam as acusações de Paulo Levi; mas, se, ao contrário, mesmo sem esperanças de vitória, saíram também para a rua num acto de desespero, só para protestarem contra a situação actual da política do seu país, então nesse caso, apesar do fracasso, é digno de toda a admiração e de respeito o seu procedimento.

Mas embora tenha ou não razão de ser a crítica de Levi, o facto é que Cla-

Os Habsburgos e a França

Grande alvoroço produziu na Alemanha e em toda a Europa Central a entrevista concedida por Andrassy, político húngaro, ao correspondente do *Eco de Paris*.

«A adesão da Austria à Alemanha — disse ele — só pode ser evitada mediante a reconstituição da monarquia austro-húngara sob o domínio dos Habsburgos. Uma tal monarquia seria o único aliado natural da França contra a Alemanha. Já que a França se esqueceu de dividir a Alemanha em 2 partes, o ex-imperador Carlos quis criar com a sua viagem na Hungria um bloco anti-alemão na Europa Central, a que a Polónia e a Roménia se associariam».

Estas palavras explicam tudo quanto corre sobre as relações entre os Habsburgos e a França. Andrassy, que acusou o conde Karoly, que durante a guerra fez a paz com a *Entente*, que defendeu a guerra de destruição contra a Itália e preconizou a tomada de Paris pelos alemães, quer agora aliar-se com Paris, não por causa de Berlim, mas só para assegurar o trono ao imperador Carlos.

Entrevistado por diversos jornalistas franceses, declarou este último a um deles: «Amo a França; já o demonstrei com factos e ainda o demonstrarei».

O manifesto dos comunistas alemães para o 1.º de Maio

Apesar do recente fracasso do seu movimento, e das perseguições que estão sofrendo por toda a Alemanha, os comunistas alemães — conforme o compromisso manifesto publicado para a comemoração do 1.º de Maio — continuam dispostos a não abandonarem a luta, enquanto não fizerem desaparecer para sempre, como classe, a burguesia do seu país.

E a comprovar isto, vamos transcrever abaixo alguns períodos do referido manifesto:

«Operários e operárias! Primeiro de Maio de todo o mundo! Só o proletariado que tenha desarmado a sua burguesia confraterniza com os operários do universo!

O primeiro de Maio é dia de luta: é o dia do armamento dos operários alemães da república alemã dos Conselhos, da aliança com a Rússia soviética. Arma-vos para o primeiro de Maio; preparai-vos para a luta».

A BARAFUNDA

UMA NORMALIDADE APARENTE

Um governo de armistício?

Da barafunda politico-militar que se produziu nestes últimos dias, perante a completa indiferença do povo, surgiu enfim um governo.

Mais uma vez a montanha pariu um rato.

Mas poderemos considerar que tudo entrou na normalidade, que a calma é segura e duradoura? Não. As divergências continuam, a constituição do governo não satisfaz as ambições de todos, os vencedores reclamam o castigo dos vencidos, os despedidos acalentam o desejo da vingança, e daí o cremos que o actual momento é um momento de trevas estabelecido em virtude da refilão em Lisboa da Conferência Parlamentar Internacional do Comércio.

Era uma vergonha fazer-se agora zangata quando está gente de fora. Gozemos o período do armistício que terá talvez o seu termo depois que as visitas se retirem. Até ao fim do mês o aparente apaziguamento conservar-se-á.

Posto que já conhecidos de alguns dos nossos leitores, não deixa de tornar-se preciso que registemos, embora resumidamente, certos pormenores do movimento que justificam a nossa expandida presunção.

O «almirante relâmpago»

Muito discutida tem sido a atitude neste movimento, do sr. Júlio Martins, a quem já foi posto o sobrenome de *almirante relâmpago*.

Quando o dr. sr. Júlio Martins foi para bordo do *Vasco da Gama*, o sr. Fernando Brederode, ministro da marinha, inquiriu do que se tratava, manifestando ao dr. sr. Júlio Martins o seu desgosto, em virtude da ordem que impediu o embarque dos oficiais, ao que este respondeu que «se não concordava com essa ordem dada voltasse para terra».

O sr. Fernando Brederode foi expor o caso ao sr. presidente da república, tendo sido o portador da carta que o dr. sr. Júlio Martins lhe dirigiu.

Como o dr. sr. Júlio Martins julgasse que a residência do chefe do Estado estava cercada pelos revoltosos e o sr. Brederode verificasse que isso não era verdade, este foi novamente a bordo comunicar ao ministro da instrução o que havia averiguado.

O dr. sr. Júlio Martins desembarcou então, acompanhado pelo deputado sr.

Manuel José da Silva, indo certificar-se da informação que lhe dera o sr. ministro da marinha.

O sr. presidente da república ratificou, então, ao dr. sr. Júlio Martins, o que havia comunicado ao sr. Brederode, afirmando ainda que o lugar de ministro da instrução, embora demissionário, era no seu gabinete a dar expediente e não a bordo de um navio de guerra.

—Ainda a propósito da retirada do ministério da instrução, da força da marinha, informamos-nos do seguinte: Algum que rodeava o dr. sr. Júlio Martins, requisitou uma força de marinha para guardar o ministério da instrução, servindo-se para isso do nome do sr. presidente da república.

O sr. ministro da marinha, logo que do facto teve conhecimento, telefonou para casa do chefe do Estado a fim de saber se alguma ordem havia dado nesse sentido, sendo categoricamente desmentida, pelo que o sr. Fernando Brederode encarregou o seu ajudante, de a recolher ao Arsenal.

O sr. Fernando Brederode, que se desligou do partido popular, no acto da posse do seu sucessor disse que a marinha de guerra é uma corporação respeitadora dos princípios da disciplina e, acima de tudo, republicana, como bem exuberantemente o tem demonstrado em todas as emergências. Ainda ultimamente o provou, na ocasião em que um dos navios era visitado por *alguém* que fez espalhar que a corporação da armada se encontrava ao seu lado. Pouco tempo passado, a marinha dava provas de que apenas acata as ordens dos seus legítimos superiores, para defesa da pátria e da república, que ela tem sabido defender com o mais acrisolado amor, não atendendo às especulações políticas que com ela pretendam fazer.

Um incidente com o sr. ministro da guerra

Atitude não menos interessante é a do sr. Alvaro de Castro, ministro da guerra, que, como se sabe, queria trazer a Lisboa as forças da província.

O dr. sr. Alvaro de Castro foi chamado a tarde a casa do sr. presidente da República, com quem conferenciou. Logo que soube da constituição do novo governo, o dr. sr. Alvaro de Castro dirigiu-se ao ministério da guerra, a fim de dar posse ao general sr. Silveira.

NA ALTA SILEZIA

A questão complica-se fortemente

PARIS, 24. — A questão da Alta Silezia complica-se fortemente. Há nesta província, um verdadeiro front germano-polaco e assiste-se assim aos prelúdios duma guerra pura e simples, feita por um lado por partidários polacos, não apoiados por o seu governo, que estão na defensiva, e por outro lado, por alemães que tem a ofensiva. O que em Paris se deseja saber, é se Berlim não encoraja e se não auxilia oculta. Sem dúvida, o chanceler Wirth fez declarações à embaixada de França muito tranquilizadoras, e é certo, que o governo se absterá de qualquer intervenção oficial na Alta Silezia. O dr. Wirth disse estar resolvido a dissolver os corpos armados, e a impedir a sua refilão, mas terá ela energia para o fazer?

A imprensa francesa, diz que a Inglaterra assistindo-se à política francesa em Berlim, fortifica também a sua política. O *Times* diz que se os factos que se tem relatado são absolutamente verdadeiros, a França tem o direito de exigir da Inglaterra, um apoio absolutamente firme. O *Times* faz ressaltar os perigos que teria para a Inglaterra a volta à política de explendido isolamento. — *Rádio*.

Os alemães iniciam vigorosos ataques

PARIS, 24. — Os alemães preparam-se para iniciar uma acção na Alta Silezia. Grupos armados com metralhadoras, reúnem-se na estação de Ratibor. Os alemães violaram a zona neutra, perto do Oder. Todos os ataques tem sido repellidos pelos insurrectos. Em consequência dos ataques alemães, no sector norte, os alemães viram-se obrigados a evacuar várias localidades, e começaram vigorosos ataques. — *Rádio*.

Ingleses e italianos protegem as tropas polacas

BERLIN, 24. — Confirma-se a notícia da concentração de grandes contingentes de tropas polacas em frente da Kreutzburg e Rosenberg. Nesta cidade houve violentos combates entre insurrectos e os voluntários alemães, em que estes repellidos os polacos. Os italianos e ingleses toleram e até protegem as tropas polacas, de quem esperam a salvação da Alta Silezia. — *Rádio*.

No Barreiro

A favor de A BATALHA e da criação duma biblioteca operária

No próximo sábado, 28, realiza-se, no Teatro Cine Barreirense, um grandioso espectáculo cujo produto se destina à *Batalha* e à criação duma Biblioteca para uso dos operários da vila.

O programa, que terá começo às 21 horas, é o seguinte:

- 1.ª parte. — Conferência pelo secretário geral da C. G. T. Manuel Joaquim de Sousa.
- 2.ª parte. — Representação, pelo Grupo Dramático, de Belém, do drama social em 2 actos, que tanto sucesso alcançou em 1908 no Teatro Avenida, *O delegado da 3.ª secção*.
- 3.ª parte. — Representação, pelo mesmo grupo, do drama, que não menos sucesso alcançou em 1908 no Teatro S. Luís, *O Triunfo*.
- 4.ª parte. — Canção Nacional, por um grupo de distintos cultivadores.</

